

*Diário de “bordo”*



FERNANDO TÁVORA

*Diário de “bordo”*

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Autor/Author: Fernando Távora  
Título/Title: *Diário de “bordo”*  
Vol. 1 *Diário de “bordo”. Facsimile*  
Vol. 2 *Diário de “bordo”. Estabelecimento de texto*  
Vol. 2\* *“On board” Diary. Text editing*  
\*English version

Coordenador/Coordinator: Álvaro Siza  
Editor/ Edited by: Rita Marnoto

Estabelecimento de texto/ Text editing: Ana Mesquita  
Revisão do estabelecimento de texto/ Text editing revision: Rita Marnoto  
Tradução/Translation: Jane Considine, Tiago Esquível Faria  
Revisão da tradução/Translation revision: Ana Mesquita, Catarina Canto Moniz

Data do original/Date of the original: 1960

Edição/Publisher:  
Associação Casa da Arquitectura

Co-Edição/Co-Publisher:  
Família Fernando Távora  
Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva  
Fundação Cidade de Guimarães

Publicação realizada no âmbito de Guimarães 2012 Capital Europeia de Cultura, área do Pensamento, programada por João Serra, e do projecto *Fernando Távora Modernidade Permanente*, coordenado por Álvaro Siza.

© Família Fernando Távora  
© Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva  
© Fundação Cidade de Guimarães  
© Associação Casa da Arquitectura  
© Álvaro Siza  
© Rita Marnoto

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios electrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores.

Design: FBA.  
Digitalização/Digitization: Ana Ramos (FIMS), Vânia Saraiva  
Impressão/Printing: Gráfica Maiadouro, S.A.

Local/Place: Porto  
Data/Date: 2012

ISBN: 978-989-20-3394-5  
Depósito Legal/Legal Registration: 351638/12

## ÍNDICE

<i>Fernando Távora – o estímulo dos contrastes</i> , Álvaro Siza	7
<i>Os olhos e a mente</i> , Rita Marnoto	
1. Um exercício de método	13
2. Descrição dos materiais editados	21
3. Plano e critérios de edição	28
4. Bibliografia	31
<i>Diário de “bordo”</i> (estabelecimento de texto)	35
<i>Caderno de desenhos A</i> (estabelecimento de texto das anotações)	371
<i>Caderno de desenhos B</i> (estabelecimento de texto das anotações)	399
Agradecimentos	413



FERNANDO TÁVORA  
O ESTÍMULO DOS CONTRASTES  
*Álvaro Siza*

[...] é extraordinário o tempo que gasto com este diário... tenho que justificar as despesas à Gulbenkian... mas é também uma recordação que fica, embora sem qualquer interesse especial.

FERNANDO TÁVORA, *Diário de “bordo”*, fl. 168

SE FOI SINCERO ENGANOU-SE. Bem ao contrário, o diário é por várias razões de um extraordinário interesse.

Diariamente e sem excepção, entre 13 de Fevereiro e 12 de Junho de 1960, Fernando Távora registou encontros e visitas a universidades, institutos, museus e obras de arquitectura, com uma eficácia que pressupõe metódica e prévia preparação.

Os escritos da estadia nos Estados Unidos revelam uma procura sobretudo orientada a métodos de ensino e à estruturação do trabalho do arquitecto, nas suas múltiplas facetas e na perspectiva do trabalho interdisciplinar, “a ideia geral do curso é: preparar intensamente os alunos em matéria de design – consideradas todas as suas implicações das mais variadas ordens – e prepará-los para uma boa colaboração com os técnicos especializados” (Prof. Bogner, Harvard, fl. 169), e atenta em particular à experiência americana no campo do urbanismo, *urban renewal* e *city planning*.

Temas então menos desenvolvidos na Escola do Porto.

Visitando o American Institute of Architects, com Walter Taylor, director do Department of Education and Research, escreve: “Falámos na Educação dos Arquitectos e dos Planners (ofereceu-me três artigos interessantes sobre estes assuntos, um sobretudo em que é posto o problema das relações Arquitecto/Planeamento, relações que como já sentira no American Institute of Planners nem sempre são muito claras) e aconselhou-me por fim

à compra dum livro editado pelo Institute “The Architect at the mid-century”” (fls. 20v-22).

Na entrevista com W. Garcés, este, que “trabalha no “Housing, Building & Planning Branch [...] disse-me que as coisas têm evoluído\* muito e que o Planeamento que era até agora quase apenas “design” passa a ser coisa mais complexa. Os Arquitectos fazem uns riscos mais ou menos bonitos mas não se interessam com a viabilidade económica ou social ou legal até dos seus projectos” (fl. 79).

Estas e outras entrevistas registam uma contínua procura de informação. O *Diário de “bordo”* não reflecte apenas o prazer e os sacrifícios, também presentes. Transparece sempre a consciência *de viagem em serviço*, particularmente no que interessa ao momento da Escola de Belas Artes.

Ao visitar em Nova Iorque uma aula de Structural Designers and Planning in Wood and Steel, “o Prof. Smith deu-me uma cópia dos exercícios que vão direitinhos para as mãos do Eng. António Cândido que certamente lhes chamará um figo” (fl. 97).

Em Filadélfia e a propósito do ensino da arquitectura, falou com o Prof. Le Ricolais sobre “a preparação técnico-científica que a nova reforma prevê para o ensino e ele comentou: “Devia dizer isso ao Dean para ele compreender a necessidade dessas coisas e como a sentimos na Europa”” (fl. 48).

A escolha destes e de outros temas terá origem em viagens e contactos anteriores, durante os congressos CIAM e noutras oportunidades. Experiências essas confrontadas com uma ainda curta mas empenhada prática docente, no interior de uma Escola que sentia o desejo e a urgência de se transformar.

O interesse pelas obras de arquitectura visitadas é moderado: “Nota curiosa: em toda a viagem não vi uma peçazinha de arquitectura embora tivesse visto centenas ou milhares de edifícios. Há um certo “ar de acampamento” em muitas destas coisas americanas”



(fl. 31v, viagem em *bus* entre Washington e Filadélfia pela New Jersey Turnpike).

Desperta contudo perante o Seagram, impressionante de nobreza, de presença, de dignidade” (fl. 65v), ou na emocionada visita a Taliesin, “Taliesin é uma paisagem, Taliesin é um conjunto, em que é porventura difícil distinguir a obra de Deus da obra do Homem” (fl. 237v), ou quando descreve a fascinante *modernização na continuidade* da Escola de Chicago.

Admiráveis e apaixonadas são as descrições dos diferentes ambientes que visita, de Nova Iorque a Chicago, da Cidade do México a Teotihuacan, de Quioto a Katsura, ou a Gizé.

A 2 de Abril Fernando Távora parte para Detroit, “... mais uma cidade americana” (fl. 208v), em desencantada visita dedicada a Ford.

Chega a Chicago a 5 de Abril, seguindo-se as habituais entrevistas e visitas a obras e museus: “Está tudo doido. De um lado a vida – porca, suja, feia, prática – do outro o museu que se visita aos domingos “para elevar o espírito” e aumentar a cultural geral” (fl. 227).

Em Chicago é menos absorvente a presença em universidades e institutos. Visita contudo a Universidade de Illinois, onde Hilberseimer é professor de City Planning, a American Society of Planning e a City Planning Commission.

Depois Sullivan, Wright e Mies e o contraste das suas arquiteturas. E os *slums*.

A 9 de Abril visita Taliesin: “Vi há tempo a casa de Gropius em Lincoln: quando vi Taliesin, a casa de Gropius pareceu-me um frigorífico pousado numa colina! / Não há dúvida que o Zevi tem razão: o Sr. Giedion enganou-se, ao pôr Wright no princípio e Le Corbusier no fim do seu livro; foi um pequeno engano... de pôr tudo ao contrário” (fls. 244-244v).

A 22 de Abril parte para o México: “Começo a estar cansado da América do Norte e necessito de encontrar gente da minha raça.

ra se concentra em Wright e no cruzamento de culturas (Estados Unidos, América do Sul, Oriente) presente na sua obra japonesa: “Depois escola-programa, mas sempre a correr o Imperial Hotel do velho Wright. Muita coisa a desfazer-se (sobretudo a pedra) o que dá ao edifício um ar de ruína de categoria; no entanto creio que as possíveis ruínas dos edifícios mais recentes não terão a mesma presença e a mesma qualidade. / Depois num parque [...] o National Western Museum, este projecto de “Mr. Le Corbusier”. Esperava mais; o espaço interno é interessante como ideia, mas constringido porque o edifício é muito menor do que as fotos deixam supor. Depois a arte francesa no Japão tem qualquer coisa de muito estranho e longínquo...” (fl. 341).

Em 28 de Maio, Távora voa para Banguécoque: “pergunto se Banguécoque não deveria ter sido eliminada da minha visita. Se ao menos pudesse ir daqui ao Camboja para ver Angkor Vat!” (fl. 374v).

Há menos paixão nos últimos dias de viagem. Por cansaço? Pela curta permanência? Pelo clima a que repetidamente se refere?

Talvez por não encontrar o estímulo dos contrastes que antes anotara cruamente, tensos e oscilantes, entrelaçados no que vê e no que sente, dividido entre o encontro ou a descoberta e a saudade.

Há desencanto no que escreve em Banguécoque e Carachi. Nas notas sobre Beirute, “Sinto-me no paraíso em Beirute depois daqueles dias angustiados de Carachi e Banguécoque” (fl. 386v), refere contudo a riquíssima coleção do Museu, “um edifício “francês” (como aliás toda a arquitectura de Beirute) com grande pórtico em estilo egípcio” (fl. 386), e ainda “qualquer coisa de Lisboa, na luz, nos acidentes de terreno, na cor da construção” (fl. 388).

Nos últimos dias, no Cairo, o cansaço não impede a cavalgada de 6 horas em Gizé, antecedida no dia anterior pela subida à Câmara de Quéops (uma aventura a que anos mais tarde e ainda em boa forma não me atrevi).

Os dias 9, 10 e 11 de Junho são praticamente dedicados à Acrópole: “estive no Teséion. É claro que o Teséion foi uma esplêndida experiência para a construção posterior do Parténon. Cada vez me convenço mais de que só fazendo a mesma coisa várias vezes, numa vida ou ao longo de gerações, é possível refinar e chegar a soluções com eternidade. Do Teséion para o Parténon há todo um caminho de progresso como acontece com as Lake Shore 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> fase do Mies” (fls. 399-399v).

Algo que Aldo Rossi poderia dizer.

Para lá do cansaço de fim de viagem, o tom do *Diário de “bordo”* transmite constantemente um desejo de conhecer e compreender. Desejo assente no *prazer de viver* e no culto da relação entre o *eu e os outros*, esplendorosamente espontâneos em Fernando Távora.

PORTO, 18 DE OUTUBRO DE 2012

## OS OLHOS E A MENTE

*Rita Marnoto*

*Numa autêntica jornada, os olhos e através deles a mente adquirem capacidades surpreendentes. Percebemos de forma não mediada. O que tínhamos aprendido reaparece dissolvido entre as linhas do que mais tarde iremos desenhar.*

ÁLVARO SIZA

### 1. UM EXERCÍCIO DE MÉTODO

O conjunto de desenhos, textos e outros materiais cartáceos que forma o diário do Arquitecto Fernando Távora constitui uma obra compósita de essencial valor para um mais profundo conhecimento não só do seu percurso como arquitecto, professor e teorizador, mas também para um redimensionamento das vias trilhadas pela arquitectura portuguesa na viragem do moderno. Não é por acaso que os desenhos e as reflexões que dele fazem parte, até agora divulgados parcelarmente, têm vindo a fascinar leitores de todas as latitudes. Esse conjunto polifacetado de materiais ilustra e documenta a viagem que iniciou no dia 13 de Fevereiro de 1960, em direcção oeste, e que se concluiu a 12 de Junho do mesmo ano.

Em Abril de 1959, candidatara-se a uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian para estagiar nos Estados Unidos da América, com uma recomendação do Arquitecto Carlos Ramos. A bolsa foi-lhe concedida, mas entretanto um outro dado se veio acrescentar, o convite a participar, como membro dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna, na World Design Conference (WoDeCo) de Tóquio, a decorrer entre 11 e 16 de Maio desse mesmo ano de 1960. Solicitou então a inclusão da deslocação ao Japão no seu roteiro de viagem e o Arquitecto Carlos Ramos voltou a apoiá-lo com um parecer onde se alarga em considerações acerca da arquitectura japonesa. O pedido mereceu bom acolhi-

mento, e foi assim que a sua viagem passou a adquirir contornos planetários<sup>1</sup>.

O diário é uma componente essencial dessa viagem. Ao longo de quatro meses, todos os dias registou a sua actividade e as suas observações e impressões acerca de cada jornada num caderno de pequenas folhas presas por um mecanismo, sendo o texto muitas vezes acompanhado por desenhos. Foram ainda integrados materiais cartáceos soltos de índole muito vária, desde os itinerários de viagem inicialmente preparados em Washington e Nova Iorque até ao panfleto de uma manifestação anti-racial, desde o postal com dinossauros do Peabody Museum of Natural History de Yale até ao programa do espectáculo *Sound and Light* a que assistiu na Acrópole de Atenas. O desenho é uma forma de aproximação e análise que vai intercalando ao captar objectos que se destacam ou grandes perspectivas, mas que também pode ser interpolada no próprio discurso verbal, com pequenos esquemas que insere no correr da escrita. A partir da chegada ao Japão, passa a desenhar em dois cadernos de papel cavalinho. Quanto à construção discursiva, é basicamente sintética, com frases curtas e aderente às circunstâncias. A narrativa conta o essencial de cada jornada, cujos pontos salientes são fixados através de flaches rápidos e agudos, quando não acutilantes. É surpreendente a homogeneidade e a ordem do texto, em termos de estilo, de ocupação da página, de alternância de cores ou de caligrafia, o que não implica as dificuldades de leitura por esta oferecidas.

Apesar de não raro se lamentar pelo esforço que a escrita lhe exige, quando ao fim do dia regressa ao hotel já cansado, a sua perseverança é inabalável:

---

<sup>1</sup> O levantamento da documentação relativa foi feito por Ana Mesquita na dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, *O melhor de dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão. Diário 1960, 2007.*

Vim para a cama (é uma hora e cinco da manhã; é extraordinário o tempo que gasto com este diário... tenho que justificar as despesas à Gulbenkian... mas é também uma recordação que fica, embora sem qualquer interesse especial).

(fl. 168, Boston, 22 de Março)

Entre utilidade futura e perpetuação de uma memória, o registo quotidiano faz parte de um método que estrutura o ritmo da passagem dos dias, desvelando e aprofundando a dimensão cognitiva que é própria da experiência de viagem.

Se por diário se entende geralmente um texto escrito na primeira pessoa em tom confessional e de desafogo íntimo, não será esse o cerne deste diário, ou é-o apenas numa determinada dimensão. Do diário, conserva a rigorosa escansão temporal, como se de um ritual se tratasse. Mas as suas páginas perseguem constantemente um balanço entre interioridade e exterioridade que confere a esta segunda instância um espaço que vai mais além do que um diário habitualmente lhe reserva. As próprias circunstâncias catalisadoras do registo ligam-no à exterioridade: a viagem, a descoberta de novas formas de fazer e de ensinar arquitectura, a procura de mundo para além do Ocidente europeu. Por esta via, o diário aproxima-se do relato de viagem. Se a viagem é a sua razão de ser, a ponto de delimitar o seu início e o seu fim, as suas páginas extravasam continuamente sobre a envolvente. Cada jornada é como uma ficha onde são registados encontros, deslocações, sessões académicas, visitas a escolas, cidades, lugares e obras, refeições, condições de alojamento, aquisições e despesas, casos e humores do quotidiano. A incorporação dessa exterioridade é bem documentada pelos materiais cartáceos agregados, que não têm de modo algum um estatuto apêndicular ou acessório, como o mostra a numeração. Quando *a posteriori* numerou o diário, o Arquitecto Fernando Távora ordenou-os em continuação com as

páginas do registo escrito, conferindo a cada um deles um lugar preciso.

Aliás, o impacto da exterioridade é uma marca particularmente forte no caso de diários e  *carnets*  de arquitectos, como se sabe. Mas basta consultar o número monográfico que em 1991 a revista  *Lotus International*  (68) dedicou ao tema, para compreender o lugar de excepção que cabe a esta obra. Será difícil conjecturar um conhecimento específico dos  *carnets de voyage*  de Le Corbusier, por motivos cronológicos. Foi em 1966 que saiu a título póstumo a primeira edição das jornadas de 1910 e 1911, cujo manuscrito tinha sido revisto para publicação no ano anterior pelo próprio Jeanneret. Além disso, as diferenças entre os  *carnets*  e o diário do Arquitecto Fernando Távora são muitas. As anotações de Jeanneret são bastante mais dispersas e fixam pormenores essencialmente arquitectónicos. Por sua vez, o Arquitecto Fernando Távora detém-se sobre os acontecimentos de cada jornada, elaborando sucessivas micro-narrativas, e comenta-os meticulosamente através de um fraseado solidamente construído, dotado de grande precisão. Apesar de o desenho assumir, da mesma feita, um papel heurístico fundamental, também nesse âmbito o diário do Arquitecto Fernando Távora é mais unísono. Aliás, o sexto  *carnet*  coloca algumas dificuldades de interpretação dado que o traçado dos seus desenhos é inusitadamente esquemático e o texto refere circunstâncias que superam a cronologia da viagem.

Na verdade, o próprio autor já respondeu, melhor do que ninguém, à questão classificatória, como o mostra o texto na materialidade da sua letra. No topo da primeira página que escreveu, de 13 de Fevereiro de 1960, dia em que iniciou a viagem, o Arquitecto Fernando Távora inscreveu a garrafais a epígrafe,  *Diário de “bordo”* . Restituir esse título à obra é sem dúvida fazer jus à vontade do seu autor. Mais do que isso, é também restituir-lhe a dimensão cognoscitiva que lhe assiste.

Diário de bordo era originariamente a anotação de um percurso marítimo, e as letras portuguesas do século XVI oferecem-nos alguns dos seus mais acabados exemplos, num plano europeu. Muitos desses diários eram mesmo acompanhados por magníficos desenhos aquarelados de navegação. Assim se consagrava uma prática de marear por rotas inexploradas, prevenindo deliberadamente um reuso, como guia para futuros viajantes com o mesmo itinerário. Todas essas dimensões estão bem presentes neste diário. O registo obedece a um ímpeto de desvelamento do desconhecido e de exploração de uma dimensão prática que se projecta deliberadamente sobre o futuro e sobre o reuso prospectivo da obra que está a ser elaborada. Brota daquele confronto crítico com a exterioridade que acentua a dimensão hermenêutica de uma indagação que observa, interroga e compara. Mas quando o Arquitecto Fernando Távora assinala a palavra “bordo” do título entre aspas, está também a exprimir um gosto lúdico que lhe era muito próprio. Um fio de ironia liga a homenagem a um dos mais originais filões da literatura portuguesa e o entusiasmo do viajante que, a bordo do avião da Panam, descola em direcção a Washington.

No que a alia tão intimamente a uma dimensão de auto-esclarecimento interior através da passagem dos dias, esta obra é um diário. Enquanto deambulação planetária de observação crítica, é uma narrativa de viagem. Nas implicações cognoscitivas que se projectam muito para além do momento, é um ensaio. Resultado de uma espécie de negociação entre o sujeito e aquilo que o rodeia, ou seja, entre aquela bagagem de ideias, conceitos e expectativas que consigo leva, e o desconhecido que se abre perante os seus olhos, é revisão do adquirido no passado e projecção de futuro. Essa é a autêntica jornada, como afirma Álvaro Siza na epígrafe transcrita<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> *Lotus International*, 68, 1991, p. 87 [ed. ingl.].



Da correspondência trocada com Fundação Calouste Gulbenkian e com outras instituições envolvidas no processo de candidatura à bolsa de estudo, um compromisso é realçado, o de enviar regularmente relatórios de viagem e de elaborar um relatório final pormenorizado acerca de toda a actividade desenvolvida enquanto bolseiro, o que tem bem presente ao escrever o seu diário. Apesar de esse relatório não ser conhecido, podendo-se até admitir que não tenha sido ultimado, encontram-se no seu espólio vários esboços de uma síntese, um dos quais se transcreve. Trata-se de um testemunho dotado de grande interesse, não só por destacar, com o seu esquematismo, as facetas da viagem que o Arquitecto Fernando Távora entendia serem estruturantes, como também por revelar quais foram as linhas de força que a sua memória privilegiou, de quatro meses de itinerância:

### Transcrever passagens do Diário ilustrar com desenhos

#### 1. Introdução e agradecimentos

Fundação

D. Maria José Mendonça

Dr. Artur (Embaixada)

IAC

Arq. Carlos Ramos

Todos

#### 2. Objectivos e itinerário da viagem

– cidades de que desisti e suas razões

– a organização da viagem em Washington

– IAC

mapa com dias

### 3. Estados Unidos da América

3.1. Impressões gerais – o museu, sua aberração – relações pessoais – as cidades ↑ – a questão racial – a abundância ↑

3.2. Ensino (Arq., Urbanismo, Paisagismo) – não conheci o valor médio do ensino porque escolhi as melhores Escolas. Taliesin

#### 3.3. Arquitectura

Tradicional – Filadélfia

Moderna Clássica – Wright Mies “Form Givers”

Recentes – desorientação – Paul Rudolph

#### 3.4. Urbanismo –

← a extensa bibliografia – citá-la ← [*palavras riscadas*] – escalas de planeamento

– nacional

– regional → Tenesse Valey Nova Iorque →

– local – comissões (New Haven) Filadélfia – lei urbanística –

– Tráfego

– Housing – Urban renewal

– Suburbanismo – reurban

– Organizações profissionais – AIP – ASPO

3.5. Museus [*palavras riscadas*] – ↑ os visitados – comentários – o de Milwaukee – o Ford ↑

3.6. [*palavra riscada*] Outras actividades – Detroit – etc.

### 4. México

4.1. Impressões gerais – razão da visita

4.1. Arquitectura contemporânea

4.2. O Museu Nacional

4.3. Teotihuacan

### 5. Japão

5.1. Impressões gerais – Tradição e modernidade, Tóquio v Quioto, não necessita de museus – relações pessoais – o design no Japão

– as cidades

5. 2. A “World Design Conference” (WODECO) – o que seja “design”

5. 3. Arquitectura Antiga (cidade de Quioto)

5. 4. Arquitectura Contemporânea

6. Tailândia

6. 1. Banguete – impressões gerais – os templos visitados

7. Paquistão

7. 1. Carachi – impressões gerais

8. Líbano

8. 1. Beirute – A cidade – o museu

8. 2. Balbeque

9. Egipto

9. 1. Cairo – Impressões gerais – museu

9. 2. Gizé

9. 3. Abusir e Zoser.

10. Grécia

10. 1. Atenas. Impressões gerais

10. 2. A acrópole

11. Documentação e bibliografia; recordações

– livros comprados, documentos dados

– fotos feitas

– diário

– objectos comprados

## 2. DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS EDITADOS

O conjunto de materiais tratado e editado é constituído por autógrafos e desenhos originais. Até 2011, encontrava-se no escritório do Arquitecto Fernando Távora, no Aleixo. Nesse ano, a totalidade do seu arquivo profissional foi incorporada, por cedência em regime de comodato, no Centro de Documentação e Investigação de Cultura Arquitectónica da Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, criada pela Universidade do Porto em 2009. É aí que se encontram actualmente todos os originais editados.

Reportem-se por três núcleos que seguidamente se descrevem.

### 1. *Diário de “bordo”*

Contém os registos de viagem feitos diariamente entre 13 de Fevereiro de 1960, data em que o Arquitecto Fernando Távora partiu do aeroporto de Lisboa no voo das 0h15m em direcção Washington, e 12 de Junho, quando regressa a Portugal vindo de Atenas. Encontra-se guardado numa pequena caixa de cartão de maquete branca e tem o número de inventário FIMS/FT/5000. É constituído por um maço de folhas lisas de pequeno formato que actualmente se encontram soltas, com texto e desenhos, bem como por uma série de materiais cartáceos que nelas foram intercalados.

As folhas soltas são de papel beije de média gramagem, tipo *bond*, com quatro furos do lado esquerdo. O estado do papel em torno das perfurações revela vestígios de um mecanismo com argolas ou molas que teria agregado as folhas. As folhas subdividem-se em dois tipos com ligeiras diferenças de medida. Um primeiro tipo de papel tem as dimensões de (h)145x(l)107mm e corresponde às folhas 1 a 5, sendo o 4.º item um pedaço de papel rasgado; às folhas 41 a 402, salvaguardado o caso dos materiais cartáceos intercalados; à folha de guarda colocada no início e não numerada; e à folha de guarda colocada no final, que também não é numerada. O espa-

çamento dos orifícios é de 23/27/47/27/21mm, de cima para baixo. Um segundo tipo de papel tem as dimensões de (h)148x(l)107mm e corresponde às folhas 6 a 40, salvo guardado sempre o caso dos materiais cartáceos intercalados. O espaçamento dos orifícios é de 23/27/47/27/23mm, de cima para baixo. Este segundo tipo de papel tem marca de água. Em virtude da reduzida dimensão das folhas, o corte enquadra-o fragmentariamente, podendo-se apenas ler AMS REGISTERED BOND. Entre as folhas 40 e 41, há continuidade de escrita no registo de uma mesma jornada, 23 de Fevereiro em Filadélfia, ao contrário do que acontece com a transição entre as folhas 5 e 6, como se dirá.

Quanto aos materiais cartáceos intercalados, a sua índole é variada: itinerários, listas de direcções e planos de visitas que vão sendo facultados ao Arquitecto Fernando Távora, cartões de visita de pessoas com quem vai estabelecendo contacto, folhas soltas com agendamento de encontros e reuniões, recortes de jornais, programas de sessões a que assiste, etc. Muitos deles contêm anotações.

Foi posteriormente aposta uma numeração contínua também autógrafa à totalidade dos materiais constituída pelas folhas perfuradas e pelos itens soltos. No caso das folhas, a numeração é colocada no canto superior direito. Por vezes implica um novo direccionamento da folha, de modo a orientar o desenho em função da mão ou do observador. Pode ter implicações sobre a posição das perfurações, que passam para a direita, ou sobre o sentido do desenho, que passa a ficar invertido. No caso dos itens soltos, é geralmente colocada no canto superior direito. Em folhas de papel de máquina de escrever ou em recortes dobrados, costuma ser aposta à face exterior da dobragem. Em impressos profusos, aproveita os espaços dotados de maior visibilidade. Alguns dos itens soltos não são numerados, mas a sua intercalação não oferece dúvidas, em virtude das referências que lhe vão sendo feitas no texto manuscrito. A numeração vai de 1 a 402, em algarismos colocados dentro de

um círculo. De 1 a 250, é registada a lápis vermelho. De 251 a 402, é registada a grafite. As folhas de guarda colocadas no início e no fim não são numeradas.

A caligrafia é de leitura difícil mas bastante homogênea, com riscados e acrescentos supra ou infralineares e só ocasionalmente à margem. Podem ser riscadas páginas inteiras e com desenhos, o que acontece raras vezes. O texto e os desenhos são registados a esferográfica até meio da folha 361v. As cores são diversificadas: verde, azul, preto e em algumas partes o vermelho. Criam uma alternância entre jornadas, etapas ou texto e desenho. A partir da folha 361v, com o início do relato da jornada de 24 de Maio e até ao final do diário, é usada caneta de tinta preta. Uma campanha posterior levada a cabo de forma contínua, predominantemente a caneta preta, acrescenta comentários breves e sublinhados, faz alterações pontuais (pretas>negras: “as criadas são sempre [*palavra riscada*] ↑negras↑”, fl. 108; preto>negro: “um grande “Cadillac” [*palavra riscada*] negro”, fl. 140v) ou introduz pequenas correcções. O Arquitecto Távora costumava escrever com caneta de tinta permanente preta Mont Blanc.

Em 2007, a sua Secretária, D. Manuela, bateu os textos do *Diário de “bordo”* a computador. Esse registo informatizado encontra-se depositado na Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva e o CD tem o número de inventário FIMS/FT/Cd1322.

A análise dos materiais descritos não oferece qualquer dúvida quanto ao título escolhido pelo Arquitecto Fernando Távora. O relato tem início no dia da partida, 13 de Fevereiro de 1960, que é a data cronologicamente mais recuada compreendida pela narrativa. A folha onde começa o registo da jornada de 13 de Fevereiro é encabeçada por garrafais grafadas a verde, onde se lê:

DIÁRIO DE “BORDO”

Assim sendo, há que dilucidar a questão relativa à posição e à numeração desta folha, que tem o número 6. No início do diário são colocadas seis folhas e dois itens: folha de resguardo em branco, sem número; folha 1; folha 2; folha 3; item cartáceo 4; folha 5; item cartáceo sem número. Contudo, dizem respeito a um momento mais avançado da viagem. Talvez esta alteração de ordem tivesse desviado a atenção do início efectivo do relato, no dia 13 de Fevereiro. Mas o assunto é facilmente clarificável quando considerado à luz da metodologia própria da crítica textual.

As características materiais das folhas s. n., 1, 2, 3 e 5 (o item 4 é um elemento solto) mostram que se trata de uma série dotada de individualidade própria. O papel tem as dimensões de (h)145x(l)107mm. É por isso diferente do utilizado a partir da folha 6 até à folha 40, com (h)148x(l)107mm. O papel com menos 3mm de altura só volta a ser usado a partir de 23 de Fevereiro (fl. 41). Este grupo inicial também se distingue pela deterioração material das folhas que o constituem, que têm pequenos rasgos e foram puxadas do mecanismo que as prendia. Além disso, a caligrafia não apresenta a habitual homogeneidade e a escrita é sincopada e desusadamente irregular.

O seu conteúdo incide sobre as jornadas que vão de 27 de Abril, quarta-feira, a 8 de Maio, domingo, conforme segue:

– Folha 1, notas relativas aos dias: 27 de Abril, quarta-feira, Cidade do México; 28 de Abril, quinta-feira, Cidade do México; 29 de Abril, sexta-feira, Cidade do México-Phoenix. Esferográfica vermelha, com sublinhado e anotações a caneta de tinta preta. Texto riscado na totalidade.

– Folha 1v, notas relativas aos dias: 30 de Abril, sábado, Phoenix-Los Angeles; 1 de Maio, Los Angeles. Esferográfica vermelha, com sublinhado e anotações a caneta de tinta preta, e acrescento de frase a grafite.

– Folha 2, notas relativas aos dias: 2 de Maio, segunda-feira, Los Angeles-S. Francisco; 3 de Maio, terça-feira, S. Francisco. As pri-

meiras a esferográfica preta, as segundas a esferográfica vermelha, com sublinhados a caneta de tinta preta.

– Folha 2v, notas relativas aos dias: 3 de Maio, terça-feira, S. Francisco (continuação); 4 de Maio, quarta-feira, S. Francisco; 5 de Maio, quinta-feira, S. Francisco. Esferográfica vermelha, com sublinhados a caneta de tinta preta.

– Folha 3, notas e desenho de asa de avião com as letras Pan Air a esferográfica vermelha. Não há datação explícita, mas refere-se a viagem de S. Francisco para Honolulu realizada a 8 de Maio. Texto e desenho riscados.

– Folha 3v, notas relativas ao dia 6 de Maio, sexta-feira, S. Francisco. Esferográfica preta, com sublinhado e riscado a caneta de tinta preta.

– Folha 5, notas relativas ao dia 7 de Maio, sábado, S. Francisco. Esferográfica vermelha.

– Folha 5v, notas relativas ao dia 7 de Maio, sábado, S. Francisco (continuação). Esferográfica vermelha com anotação final a caneta de tinta preta: “Segue – Domingo, Maio 8”.

Ora, a jornada de domingo, 8 de Maio, é registada na folha 3, através daquilo que pode ser considerado um rascunho com o desenho da asa do avião mas que depois foi riscado, e de novo nas folhas 329-332v que organizam e amplificam o conteúdo da folha 3. Apesar de se dizer que estas notas foram escritas no avião para Honolulu (fl. 331v), é possível que a sua redacção fosse posterior.

De facto, a seguir ao dia 30 de Abril, sexta-feira, foi deixado um espaço em branco onde na campanha a caneta preta o Arquitecto Fernando Távora anotou o esquema (fl. 328):

Sábado – Abril, 30

Domingo – Maio, 1

Segunda – Maio, 2

Terça – Maio, 3



Quarta – Maio, 4

Quinta – Maio, 5

Sexta – Maio, 6

Sábado – Maio, 7

O cuidado depositado numa estruturação coerente destas zonas do diário é bem ilustrado, aliás, pela revisão a caneta preta.

Resta então responder a uma questão, por que motivo o Arquitecto Fernando Távora teria anteposto aquele conjunto de folhas ao início do diário, caucionando essa opção através da numeração que lhes deu. Se, por um lado, a resposta tem de ser procurada no plano da subjectividade, com todas as cautelas requeridas por uma exploração do hipotético, não podem ser descuradas certas chaves de interpretação.

O último período da estadia do Arquitecto Fernando Távora nos Estados Unidos foi de uma certa saturação. O estilo de vida americano enfasiava-o, sentia saudades da esposa e do filho e estava cansado. A breve viagem ao México fora também uma tentativa de recuperar ânimo. Esse desvio de rota não estava previsto no itinerário descrito no boletim de concurso à bolsa que solicitou à Fundação Calouste Gulbenkian, a 27 de Abril de 1959. Logo que chegou a Cidade do México, enviou uma carta à esposa pondo-a a par da “pequena loucura” do *excursus* (23 de Abril, fl. 300v). Foram pois jornadas marcadas por uma forte carga emocional.

Mas um outro dado há a considerar. Faz parte da sequência inicial um item cartáceo ao qual foi atribuído o número 4. Tem características extremamente particulares, quando considerado no conjunto do diário, tratando-se de um pedaço de papel de embrulho castanho, rasgado e amassado. A vermelho, lê-se: “Desastre de automóvel”. Por sua vez, segunda-feira, 2 de Maio, o Arquitecto Fernando Távora recebia no YMCA de S. Francisco, onde se encon-

trava instalado, um telegrama com a notícia da morte de pessoas das suas relações (fl. 2). Acrescente-se a isso o facto de o cartão de visita de Carpender, Jr., que corresponde ao item cartáceo não numerado e que foi usado para fazer um desenho no verso, se encontrar rasgado, o que aliás impede a leitura do primeiro nome.

A anteposição daquele conjunto de folhas é um efeito de ordem, que se liga a circunstâncias dotadas de um significado emocional muito particular.

## 2. *Caderno de desenhos A* - (h)175x(l)250mm

A 5 de Junho, o Arquitecto Fernando Távora anota: “No meu caderno de desenhos escrevi alguns comentários sobre a Câmara da Pirâmide de Quéops” (fl. 390). A partir da estadia no Japão, associam-se ao diário dois cadernos de desenhos. Não são assinados nem numerados, mas todos eles estão datados. Alguns estão profusamente anotados, sendo as referências cromáticas muitas vezes especificadas.

Ambos são de papel cavalinho sem marca de água, com desenhos a caneta de tinta preta, a esferográfica preta e a lápis que pode ser de várias cores. Se a uniformidade das folhas que compõem cada um deles permite designá-los como cadernos, essas folhas andam actualmente soltas. São posteriores à travessia do Pacífico, pelo que não contemplam a América, e documentam uma fase da viagem em que o Arquitecto Fernando Távora desenhava intensamente.

O primeiro, que se designa como Caderno A, é formado por folhas com as dimensões de (h)175x(l)250mm e um picotado para inserção de espiral na margem esquerda perfeitamente conservado. São ao todo 40 desenhos, a maior parte dos quais em frente e verso das folhas.

Este caderno foi utilizado em continuidade no Japão (Quioto, 26 desenhos; e Nara, 8 desenhos) e em Banguecoque (6 desenhos). O primeiro é de 20 de Maio e o último de 29 de Maio.

### 3. *Caderno de desenhos B* - (h)245x(l)315mm

Este segundo conjunto, que se designa como Caderno B, é formado por folhas com as dimensões de (h)245x(l)315mm e um picotado para inserção de espiral na margem esquerda perfeitamente conservado. São ao todo 20 desenhos, todos em frente e verso.

Este caderno foi utilizado em continuidade no Líbano (Beirute, 2 desenhos; Balbeque, 4 desenhos) e no Egípto (Cairo, Saqqara, 6 desenhos) e em Atenas (8 desenhos). O primeiro leva a data de 3 de Junho e o último de 11 do mesmo mês, véspera do regresso a Portugal.

### 3. PLANO E CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Este conjunto de materiais é editado em três volumes, sob título *Diário de “bordo”*.

O primeiro volume reproduz em facsimile o *Diário de “bordo”*, com todos os elementos que dele fazem parte, à escala 1:1, feita exceção aos itens cartáceos cuja dimensão supera a das folhas do diário, que são sujeitos a redução. Além disso, inclui a reprodução em escala reduzida 1:1,7 de todos os desenhos do Caderno A e do Caderno B. São ordenados por data. Os originais não estão numerados, mas, por questões de referênciação, foi atribuído a cada um deles um número.

No segundo volume, que é acompanhado por textos introdutórios, fica contido o estabelecimento de texto do manuscrito e, numa secção final, são transcritas as anotações que acompanham os desenhos de viagem do Caderno A e do Caderno B. A referênciação dos desenhos é feita de acordo com a numeração que foi atribuída a cada um deles no I volume.

O outro volume contém a tradução inglesa de todos os textos editados no segundo.

Se o facsimile do *Diário de “bordo”* coloca à disposição do público uma obra de difícil acesso, a sua leitura oferece consi-

deráveis dificuldades de decifração, em virtude da caligrafia do autógrafo. O estabelecimento de texto é pois funcional ao respectivo acesso, guiando e agilizando uma leitura na qual se procura reflectir, programaticamente, a intenção final do Arquitecto Fernando Távora.

A transcrição respeita as suas opções decisivas, no que toca a alterações, acrescentos e decisões, o que é devidamente assinalado. Intervém-se apenas naquele domínio que a crítica textual designa como lapsos accidentais. Aliás, não foram detectados lapsos ou erros substantivos, resultantes de confusões ou imprecisões. Por conseguinte, o leitor fica em posse de um instrumento que o introduz directamente na análise do original manuscrito que é reproduzido em facsimile. Assim tem oportunidade de observar, por cotejo, o laboratório de autor contido no manuscrito e, muito em particular, no diálogo que se estabelece entre texto verbal, itens cartáceos agregados e desenhos.

Os critérios de estabelecimento de texto são os seguintes:

– Normalizam-se lapsos evidentes de escrita, tais como troca de letras, omissão ou duplicação de sílabas, omissão ou repetição de palavras, desvios morfo-sintácticos, etc. Sempre que a construção o permite, as alterações são assinaladas em itálico entre [ ].

– Os grafemas *s e z*, *i e e*, *ph*, etc., e os sinais de acentuação são adaptados ao actual uso corrente.

– Normaliza-se a pontuação quando necessário para a interpretação, mantendo o comedimento que a caracteriza.

– No caso de cidades estrangeiras dotadas de uma designação que na actualidade é de uso corrente em português, opta-se por esta, uniformizando eventuais variações (Philadelphia/Filadelfia>Filadélfia; Nova York/New York>Nova Iorque, etc.).

– No caso de palavras estrangeiras que foram lexicalizadas, opta-se pela forma actualmente usada (football>futebol; dollar>dólar, etc.).

- Às palavras estrangeiras, é atribuído o género que têm na língua original (a “tour”>o “tour”), salvaguardando variações inerentes à sua inserção frásica (o hotel YMCA/a associação YMCA).
- Respeita-se o uso de maiúsculas, muito ligado à subjectividade do autor, e uniformiza-se o seu uso para títulos (Prof., Arq., etc.).
- Mantêm-se os sublinhados e as aspas que destacam palavras ou expressões.
- As siglas são transcritas em maiúsculas sem pontos.
- Desenvolvem-se as abreviaturas inerentes à rapidez de escrita (L. Angeles>Los Angeles; arq.>arquitectura; Fev.>Fevereiro, etc.), mantendo-se porém as que se encontram estandardizadas (Sr.<sup>a</sup>, Dr., St.).
- Na transcrição, a numeração do original é dada em coluna exterior, onde fica indicado o número da folha (fl.). Para indicar a numeração do verso da folha, que não é registada no original, coloca-se o mesmo número entre [ ] seguido da abreviatura de verso (v). Quando o original não é numerado, regista-se s.n.
- Mantém-se a numeração árabe ou romana conforme o original, bem como a indicação de fracções.
- As quantidades inferiores à unidade assinalam-se com vírgula para sistemas decimais e com ponto para as horas.
- Palavras omitidas por lapso mas cuja restituição foi possível são registadas em itálico entre [ ] .
- Palavras cuja leitura suscita dúvidas são seguidas pelo sinal \*.
- Palavras ilegíveis são assinaladas por [ ] .
- Riscados legíveis ou ilegíveis são assinalados entre [ ] com informação sucinta em itálico: *palavra riscada*, *página riscada*, etc.
- Acrescentos inseridos em linha superior, em linha inferior ou lateralmente são assinalados entre setas que indicam a direcção da interpolação.
- As passagens de uma folha para o seu verso ou para outra folha são assinaladas pelo sinal | .

– Insere-se entre [ ] em itálico uma descrição sucinta quer dos desenhos feitos nas páginas do manuscrito ou em materiais cartáceos soltos, quer dos materiais cartáceos intercalados, neste caso transcrevendo eventuais anotações manuscritas. A descrição tem por referência, em todos os casos, o sentido da folha ou do item cartáceo decorrente do local onde o autor regista a sua numeração.

– Registos manuscritos feitos nesses itens cartáceos por outra mão e eventualmente transcritos vão em redondo entre [ ].

– Alguns nomes de pessoas conhecidas, por discricção, são substituídos por \*.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

Têm vindo a ser editados vários fragmentos dispersos do *Diário de “bordo”* de Fernando Távora. A assinalar, por ordem cronológica de publicação:

– Bandeirinha, José António O., “Alguns dos desenhos de viagem do arquitecto Fernando Távora”, *Via Latina*, s.s.n., 3, 1991, pp. 348-354, onde são reproduzidos alguns desenhos do diário.

– *Fernando Távora*, ed. Luiz Trigueiros, Lisboa, Blau, 1993. Catálogo bilingue da exposição realizada no Centro Cultural de Belém com textos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura, onde são reproduzidos em facsimile alguns desenhos do diário e onde é transcrito um passo da viagem a Taleisin 1 com tradução para inglês, pp. 93-96.

– Mendes, Manuel, “Para quê exigir à sombra a rectidão que não possui a vara que a produz?”, Remo Ceserani, Giani Vattimo, Armando Gnisci, Francesco Dal Co, *Leonardo express*, ed. Rita Marnoto, Coimbra, Instituto de Estudos Italianos, EDARQ, 2003, pp. 115-138, onde são transcritos passos do diário.

– *Fernando Távora*, ed. Ana Dominguez Laiño, Luciano González Alfaia, Marta Marcos Maroño, Patricia Muñiz Núñez, Alberte Pérez Rodríguez, s.l., Departamento Autónomo de

Arquitectura da Universidade do Minho, s.d., 2.<sup>a</sup> ed. Trata-se do catálogo da exposição itinerante que entre 2002 e 2003 esteve patente em Guimarães, na Corunha e em Coimbra, onde são reproduzidas em facsimile perto de duas dezenas de desenhos do diário, pp. 29-49.

– *Fernando Távora. Opera completa*, ed. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, Milano, Electa, 2005. Sob título, “Estratti dal diario di viaggio”, pp. 302-313, são editados passos de 26 jornadas do diário em tradução italiana. Dada a dificuldade na decodificação do manuscrito, o próprio Arquitecto Fernando Távora fez uma leitura que foi gravada e depois traduzida, sendo interpolados alguns comentários seus. São também reproduzidas em facsimile, ao longo da obra, perto de duas dezenas de desenhos do diário.

– Mesquita, Ana Raquel da Costa, *O melhor de dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão. Diário 1960*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória, Departamento de Arquitectura da FCTUC, 2007. Reproduz cerca de sete dezenas de páginas do diário em facsimile e cerca de catorze dezenas de slides tirados ao longo da viagem, além de muita documentação de arquivo, sendo o único trabalho monográfico dedicado ao *Diário de “bordo”* de Fernando Távora.

– *Prémio Távora. 6.<sup>a</sup> edição 2010-11*, Porto, Ordem dos Arquitectos, s.d. Sob título “Fernando Távora Diário de viagem aos USA, 1960”, é transcrito um passo do diário relativo à viagem a Taleisin, pp. s.n.

**DIÁRIO DE “BORDO”**  
ESTABELECIMENTO DE TEXTO



